

EUCLIDES DA CUNHA

1866 - 1909

SE há aspecto dominante na obra de Euclides da Cunha este é de certo o geográfico. Sua primeira e obra prima é estudo de legítima antropogeografia e o último trabalho que saiu de sua pena, mutilado em meio de um vocabúlo, foi o artigo de crítica ao Atlas do Barão Homem de Melo. Entre os dois Euclides escreveu e fez geografia.

Nascido em 20 de Janeiro de 1866 na então Província do Rio de Janeiro passou a infância em Teresópolis e S. Fidelis, onde fez o curso primário. Na Baía e no Rio cursou os preparatórios, que o levaram à matrícula na Escola Politécnica em 1885, de onde se transferiu para a Escola Militar da Praia Vermelha, em 1886. Por ato de protesto e rebeldia é desligado do Exército em 1888, voltando à Escola de Engenharia civil, iniciando a colaboração jornalística na então "Província de S. Paulo". Proclamada a República, reingressa na carreira militar, cursando a Escola Superior de Guerra e logrando as promoções até 1º Tenente.

Toma parte na defesa do Governo na revolta de 1893, finda a qual, em Campanha, abandona de vez o Exército, voltando à vida civil, como engenheiro do Estado de São Paulo, em cuja função vai reconstruir a ponte metálica, ruída um mês após armada, na cidade de S. José do Rio Pardo. Ai graças à amizade exemplar de Francisco Escobar, encontra as condições necessárias para escrever "Os Sertões". Livro nitidamente geográfico é talvez o mais notável trabalho de geografia humana que um pedaço de Terra mereceu de um escritor. Dentro dos princípios modernos fez derivar da terra o homem à sua imagem e semelhança, do homem a figura do gnóstico bronco — Antônio Conselheiro — e do sistema social formado toda a Campanha de Canudos.

Sem os exageros de escola o livro se fixa dentro das linhas gerais do determinismo ou possibilismo geográfico. Por isso os maiores críticos situam-no como monografia antropogeográfica e das maiores de todas as literaturas.

Depois de "Os Sertões" escreveu para jornais ensaios diversos reunidos nos "Contrastes e Confrontos", em que há muito de pura geografia, geral e brasileira.

Aquí é o capítulo que deu o título ao livro em que estuda o paralelismo entre a geografia e a história do Perú; ali a "Missão da Rússia"; mais adiante capítulos brasileiros como o do problema das secas — "Plano de uma cruzada", "Fazedores de deserto", "Entre as ruínas", "A margem de uma estrada", "Contra os Caucheros", "Solidariedade Sul-Americana", todos de nitido e alto sentido geográfico.

De engenheiro do Estado, passando rapidamente pela Comissão de Saneamento de Santos, é nomeado Chefe da Comissão Mista de Reconhecimento do alto-Purús, decorrente do Tratado de Petrópolis. Esta missão, de caráter geográfico e diplomático, não só correspondia a um velho sonho, como o poria em contacto com as questões sul-americanas, de que seria, entre nós, notável especialista.

Ai fez geografia viva, reconhecendo os 3 200 km do grande afluente do Amazonas, já percorrido pelo brasileiro Manuel Urbano e pelo inglês Chandless. O relatório que escreveu é modelo no gênero, pela cultura, pela segurança, pela exatidão e pelo brilho da linguagem, riquíssimo de informes sobre o grande rio.

De regresso iria ser a Amazônia a fonte principal de sua obra daí por diante. Ingressa no Itamarati, colaborador de Rio Branco, onde escreve o notável "Perú-versus-Bolívia", trabalho de diplomacia, de geografia histórica, de direito, de tal valor que o representante boliviano junto ao árbitro argentino fê-lo verter para o castelhano. Pesou, na decisão arbitral, a peça monumental do pensador brasileiro, que esclarecia de vez os tratados de 1867 entre o Brasil e a Bolívia e o de 1851 entre o Brasil e o Perú.

Os anos que passa no Ministério do Exterior ocupa-se em cartografia, retificando, fazendo ele próprio mapas, num trabalho paciente e probo de verificações penosas e fatigantes. Guardam os Arquivos do Itamarati: — mapa da região do Acre; esboço geográfico do Alto-Juruá; e o contorno da fronteira com o Perú; a região entre o rio Acre e o Abunã ao Norte e o Tahuamano e Orton, ao Sul; carta do Alto-Acre; Departamento do Alto-Juruá; esboço da região litigiosa Perú-Boliviana; carta de parte da lagoa Mium. Nos ensaios publicados na imprensa e que dariam parte de "A Margem da História" revela a Amazônia, como já revelára os sertões aos brasileiros. Neles segue a mesma linha de "Os Sertões", embora sem a unidade de uma obra de conjunto. A monografia sobre o Purús, em que apresenta a teoria do ciclo vital dos rios de Morris Davis é genial. Mas não é só nesta parte — "A terra sem história" do seu livro póstumo que há o geógrafo. Ele está presente na "Viação Sul-Americana", no "Primado do Pacífico", em "Martin Garcia" da segunda parte — "Estudos vários", como o astrônomo, no último capítulo sobre "Estrelas indecifráveis".

Duas pequenas e inéditas memórias — "Reparos sobre o forte de Bertioaga" e "Reconhecimento da ilha dos Búzios" traem a pena do geógrafo e, ao par de quanto se sabia aqui e alhures, a crítica ao Atlas de Homem de Melo, publicado no "Jornal do Comércio". Em S. José do Rio Pardo, ao concluir a ponte, para diminuir os efeitos da correnteza construiu pequena ilha a montante do peção da margem esquerda, que lá está até hoje linda e arborizada.

Por tudo isso Roquette Pinto, quando estudou Euclides naturalista, classificou-o como "ecólogo". Maurício Joppert, ao apreciar o engenheiro, acentuou como os planos, projetos e concepções do profissional tinham a base geográfica. Raja Gabaglia e Evertado Backeuser mostraram que nele o geógrafo ao par das idéias mais modernas se traía a cada passo. Firmo Dutra não vacilou em apontar como característica dominante da sua personalidade a de geógrafo e explorador.

Dono de um estilo sem par na nossa literatura, com um amor e um apêgo cariñoso à gleba brasileira, armado de rara cultura científica, o "filho da terra perdidamente enamorado dela", como se apelidou, Euclides da Cunha, havia de ser um grande geógrafo, dentre os maiores do Brasil.



Euclydes Salgueiro